

UMA NOITE GELADA NA CADEIA



Era uma daquelas noites de inverno que só Siderópolis sabia oferecer, nos idos anos de 1960. A geada já havia pintado de branco os campos ao redor, e o vento serrano fazia questão de congelar até os ossos dos mais resistentes. No coração da cidade, onde hoje se encontra a rua José do Patrocínio, havia uma cadeia modesta, ou melhor, uma construção em ruínas que diziam ser uma cadeia.

Naquele dia, um serrano, vindo das altitudes de São Joaquim, desceu com sua carroça carregada de produtos da serra – queijos, pinhões, maçãs – para comerciar na feira local. Homem de riso solto e fala alta, não tardou a se enturmar com os frequentadores do bar mais próximo. Entre goles

de cachaça e histórias exageradas, sobre a força das suas mulas, o serrano acabou bebendo todas. Quando a noite caiu, as risadas eufóricas deram lugar a uma algazarra sem precedentes.

Dizem que ele atravessou a praça gritando, fez serenata desafinada na janela do padre, e tentou "domar" a torre do sino da igreja como se fosse um touro bravo. Não demorou para que o delegado fosse chamado. O homem da lei, com mais paciência do que autoridade, resolveu que o melhor seria instalar o serrano na cadeia para que ele se recuperasse da bebedeira.

Acomodado em uma cela de porta enferrujada e paredes quase desmoronando, o serrano logo percebeu que a noite seria longa. O frio da serra que o acompanhava parecia ainda mais cruel dentro daquelas paredes geladas. Sem um cobertor ou sequer um pedaço de pano para se aquecer, ele começou a pensar em uma solução.

Lá pela madrugada, enquanto a cidade dormia em silêncio profundo, o serrano – e aqui começa o mistério – conseguiu sair da cela. Não se sabe como: talvez as trancas fossem tão precárias quanto o resto da cadeia, ou talvez a cachaça lhe tivesse dado habilidades inesperadas. O que é certo é que ele marchou direto até a casa do delegado.

Bateu na porta com determinação, o que fez o delegado, ainda de pijama e gorro, abrir com um susto. Com a tranquilidade de quem pede açúcar a um vizinho, o serrano disse:

— Doutor, não tentei fugir, e também, não aprontarei mais confusões, eu apenas queria uma noite de sono mais confortável. Está frio demais na cadeia! O senhor não tem um cobertor pra me emprestar?

Ainda sonolento e perplexo, o delegado soltou uma gargalhada, virou as costas e foi buscar um cobertor. Entregou ao serrano, que agradeceu com a mesma serenidade e fez o caminho de volta para a cela.

Na manhã seguinte, quando os moradores souberam da história, a cidade explodiu em risadas. O serrano se tornou uma lenda local, e a cadeia, já decadente, ganhou mais uma história para sua coleção.

Hoje, quando se passa pela rua José do Patrocínio, é difícil imaginar que naquele espaço tranquilo e asfaltado já existiu uma cadeia tão peculiar.

Mas, para quem conhece a história, o frio parece ganhar um peso maior, assim como o riso. Afinal, em Siderópolis, até o inverno tinha suas próprias aventuras.

Foi assim que eu ouvi falar; por isso, escrevi.

Narração: Juarez César Frassetto.

Ilustração: Macsuel De Bona